

HABITAT: UMA EXPERIÊNCIA PARTICIPATIVA NA FAZENDA CAIÇARINHA

HABITAT: A PARTICIPATORY EXPERIENCE AT THE CAIÇARINHA FARM

HÁBITAT: UNA EXPERIENCIA PARTICIPATIVA EN LA GRANJA CAIÇARINHA

 **Maria Rita de Lima Assunção¹**

RESUMO

Para “desanuviar” ideias sobre a fazenda da região Seridó potiguar (Brasil) apresenta-se uma experiência participativa na fazenda Caiçarina (Acari/RN). Assim, pesquisadora, comunidade escolar e técnicos do Museu Histórico de Acari são conduzidos à prática do caminhar, implementando apropriações para percepção do *habitat* de fazenda. O percurso impulsiona o trabalho com distintas experiências de conhecimento, conferindo voz a quem, por direito, ocupa a fazenda. Nesse sentido, ressaltam-se os sertanejos que criam raízes, relações e memórias, conferindo à propriedade seridoense uma vivência que vai além do ato de residir/morar.

PALAVRAS-CHAVE: caminhar como prática em arquitetura; *habitat* de fazenda; patrimônio; participação; educação patrimonial.

ABSTRACT

To “clear the air” about ideas concerning farms in the Seridó region of Rio Grande do Norte (Brazil), a participatory experience is presented at the Caiçarina farm (Acari/RN). Thus, researchers, the school community, and technicians from the Acari Historical Museum are led to practice walking, implementing appropriations for perceiving the farm habitat. The journey promotes work with different experiences of knowledge, giving a voice to those who rightfully occupy the farm. In this sense, we highlight the sertanejos who put down roots, build relationships, and create memories, giving the Seridó property an experience that goes beyond the act of residing/living there.

KEYWORDS: walking as a practice in architecture; farm habitat; heritage; participation; heritage education.

RESUMEN

Para «despejar» ideas sobre la granja de la región de Seridó potiguar (Brasil), se presenta una experiencia participativa en la granja Caiçarina (Acari/RN). Así, la investigadora, la comunidad escolar y los técnicos del Museo Histórico de Acari se dedican a la práctica del senderismo, implementando apropiaciones para la percepción del hábitat de la granja. El recorrido impulsa el trabajo con diferentes experiencias de conocimiento, dando voz a quienes, por derecho, ocupan la granja. En este sentido, destacan los sertanejos que crean raíces, relaciones y recuerdos, dotando a la propiedad seridoense de una experiencia que va más allá del acto de residir/vivir.

PALABRAS CLAVE: caminar como práctica en arquitectura; *hábitat* agrícola; patrimonio; participación; educación sobre el patrimonio.

¹ Doutoranda em arquitetura pela Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho (Guimarães/Portugal) onde a pesquisadora integra o Laboratório de Paisagens, Patrimônio e Território (Lab2PT) e o Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em Patrimônio, Artes, Sustentabilidade e Território (IN2PAST). A pesquisa é financiada (2021.07675.BD) pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT/Portugal). E-mail: mrlimassuncao@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta os resultados obtidos com a continuidade da pesquisa de doutorado em Arquitetura, cujo objetivo principal centra-se na proposição de um método de estudo para ampliar conhecimentos sobre as fazendas da região do Seridó potiguar.

A fazenda Caiçarinha localizada na zona rural do município de Acari/RN é resposta coletiva à retomada deste exercício participativo. Portanto, o artigo apresenta o conteúdo do continuar desta pesquisa como resultado relevante para a tese que tem a educação para o patrimônio como diretriz de estudo.

Para além do pilar patrimonial que abarca todo o trajeto desta pesquisa, o estudo vincula-se a três posicionamentos-chave que fundamentam a ampliação de conhecimentos e encontram-se diretamente refletidos nas apropriações comunitárias.

O caminhar une-se para servir ao propósito do método de estudo, explorando a metodologia como prática em arquitetura para conhecimento do lugar. No estudo, encontra-se vinculado a execução das atividades de quem habita, nomeadamente, do vaqueiro Silvino Sales de Souza e de dona Maria Daguia Guedes, portanto, está diretamente relacionado aos cotidianos dos moradores¹ da fazenda Caiçarinha. Para tanto, o caminhar enquanto prática em arquitetura segue os ensinamentos do autor Francesco Careri com adaptações ao propósito deste estudo.

Para ressaltar os aspectos orientadores do percurso da pesquisa, reforçam-se algumas regras fixadas por Careri (2017):

(...) A caminhada não se faz pelas calçadas e pelas ruas asfaltadas, e boa parte dela se realiza onde não temos o direito de ir; Deve-se aprender como encontrar o Outro (...). Cada um tem o dever de se colocar em alguma situação de dificuldades superando, além das barreiras físicas, também as psicológicas: fazer perguntas, iniciar uma conversa que não seja banal, construir uma relação criativa com o Outro; Jamais voltar atrás; Quem perde tempo ganha espaço. (...) A exploração não necessita de metas, mas de tempo a ser perdido; Capacidade de penetração; Ir além da representação. (...) Reencontrar o prazer da reapropriação dos espaços. Não representar espaços, mas produzir novos espaços na escala 1:1. Estar presente, com sua mente e seu corpo no corpo da cidade. Ser agentes da transformação. (Careri, 2017, p.105-109)

Na propriedade Caiçarinha, o caminhar ultrapassa o ato de simplesmente mover-se para transformar-se em instrumento de percepção do *habitat* de fazenda. Por assim dizer, é um exercício que envolve o encontro com o “Outro” a fim de produzir apropriações coletivas. Efetivamente, é uma ação intimamente integrada à vivência sertaneja, explorando um processo de estudo visivelmente renegado pelas práticas tradicionais de conhecimento

Como ensina Careri (2017), caminhar é tão relevante quanto parar. Por essa razão, em pontos estratégicos definidos pelos moradores, paragens são realizadas para partilhar e aprofundar conhecimentos entre os participantes.

Metodologicamente a fazenda Caiçarinha é um Estudo de Caso, por isso, implica mais do que estudar um fenômeno no “campo”, é indagar o caso em relação à dinâmica com a qual ele cruza e do qual o caso em si é inseparável. Assim, alarga-se o agir para o *habitat* de fazenda, enquadrando a vida real como diretriz do estudo (Groat & Wang, 2013).

Sobre a rede de fazendas existente e o campo de pesquisa detectado, a região do Seridó potiguar destaca-se na investigação não apenas por sua importância histórica, cultural e social — sendo uma das mais relevantes redes econômicas estabelecidas pelo criatório de gado nos séculos XVII e XVIII — mas também pelo legado de propriedades rurais distribuídas em sua vasta extensão, conforme demonstra a Figura 01.



Tal situação é atestada no Inventário de conhecimento do patrimônio rural da região Seridó potiguar (IPHAN, 2012) o qual demonstra que dos vinte e três municípios que compõe a região seridoense, vinte e dois possuem fazendas inventariadas. Considerando o presente quantitativo, o município de Acari/RN encontra-se com nove propriedades, dentre estas, a fazenda Caiçarinha.

A Caiçarinha apresenta-se neste artigo pelo olhar comunitário, envolvendo os valores histórico, social e arquitetônico. É importante ressaltar que, para os sertanejos envolvidos na pesquisa, a propriedade é considerada um dos mais significativos exemplares remanescentes do ciclo do gado na região seridoense. Não é estranho notar esse nome em narrativas diversas que abordam a história do território, especificamente a estruturação da ribeira do Acauã.

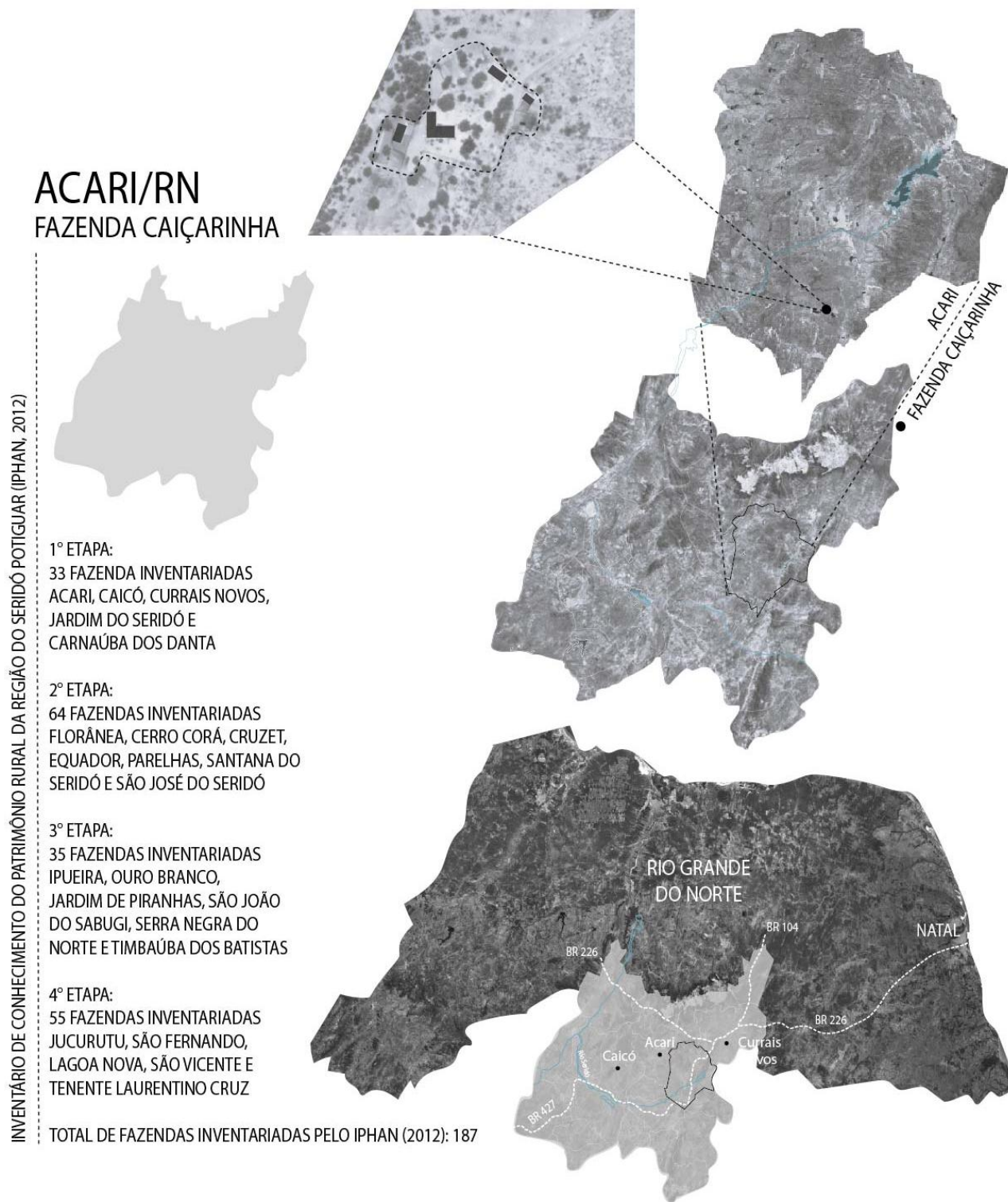
A rede de fazendas é frequentemente contextualizada dentro de um cenário progressivo, sob o olhar direcionado à tradicional residência do antigo proprietário rural, a casa-grande. Entretanto, a experiência empírica demonstra que, enquanto patrimônio sertanejo, ela concentra bem mais do que memórias associadas à “Era Curraleira”. Na verdade, sua existência está vinculada às múltiplas relações estabelecidas entre o ser e o lugar, incluindo as relações estabelecidas no cotidiano de quem habita essa específica rede.

Partindo desses pressupostos, a leitura como lugar de manifestação cotidiana estende o estudo ao considerar as conexões que caracterizam o contexto mais amplo da propriedade. Nesse sentido, alarga-se o agir, não mais centrado na casa-grande, como insistentemente os estudos costumam orientar-se, mas no cotidiano do *habitat* de fazenda.

Para completar o posicionamento inicial do artigo, informa-se que o estudo na fazenda Caiçarinha é desenvolvido em colaboração com os moradores Silvino e Maria Daguia, técnicos do Museu Histórico de Acari (MHA) e alunos do 7º ano da Escola Municipal Major Hortêncio de Brito. O grupo, visto como representante da comunidade sertaneja, envolve-se em um percurso pela propriedade, implementando apropriações e partilhando conhecimentos.



Figura 1: Fazendas inventariadas pelos Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)



Fonte: Imagem da autora desenvolvida a partir da base cartográfica e informações retiradas do IPHAN (2012), assim como, do google Earth, 2025.

CONVERSA DE ALPENDRE

Inicialmente, na tentativa de aproximar comunidade e patrimônio para construir laços de pertencimento ainda mais sólidos, a pesquisa se conecta a quem habita a fazenda Caiçarinha (Figura 2).

Conversar com o vaqueiro Silvino e dona Maria é mergulhar na história da propriedade, assim como aprender com a rede de conhecimentos que ultrapassa o cerne material.

Sobre a diretriz dialógica do estudo, retoma-se a perspectiva “freireana” para fortalecer não só o discurso educativo patrimonial e ressaltar a construção das interações entre pesquisadora e comunidade.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (...) É um ato de criação. Daí que não possa ser manhoso instrumento de que lance mão um sujeito para a conquista do outro. A conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens. (Freire, 1987, p.51)

Figura 2: Conversa de alpendre.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023

Neste processo de reflexão conjunta, a fazenda Caiçarinha pode ser decodificada a partir de três pilares: espaço de habitação, espaço de produção e espaço de caatinga, notadamente, áreas onde o conhecimento é produzido e encontra-se cotidianamente sendo alimentado pelas necessidades e vontades dos moradores.

O espaço residencial (Figura 03) não é identificado somente pela presença da casa-grande, mas por lugares de convívio que concentram distintas interações. Um cercado delimita este espaço das demais áreas da fazenda. Dentro desta delimitação, casa-grande, casa do morador, depósito, currais e galinheiros encontram-se conectados por caminhos que interligam os equipamentos e conduzem as áreas de convívio.

A serra da Caiçarinha arremata a configuração deste espaço. A propósito, “Caiçarinha” é o nome atribuído aos pequenos currais na região seridoense, mas também está relacionada ao principal cordão de serra que marca o contexto de inserção desta específica fazenda. Sobre isso, reforça-se que a toponímia no sertão seridoense se liga, com frequência, às estruturas de sua paisagem. Por essa razão, a justificativa acionada pelos moradores para responder à designação da fazenda encontra respaldo na lógica do criatório: “o nome vem do curral. Tem outras fazendas com esse nome e não estão perto da serra” (Silvino Sales Souza, 2023).

Figura 3: Aspectos do espaço residencial.



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Diferentemente do cenário habitualmente associado à agricultura de subsistência, a Caiçarinha mantém a tradição da criação como alavanca produtiva — diversificada, neste caso, entre bovinos, ovinos e caprinos (Figura 4).

Para dar suporte às atividades, o vaqueiro Silvino reserva áreas contíguas ao espaço residencial para o trato desses animais, mas informa que a lógica de ocupação segue suas necessidades diárias.

Próximo à casa encontram-se o galinheiro e o curral de bezerros. No caso dos animais de maior porte — vacas e bois — o morador os posiciona nas áreas próximas ao cercado que delimita o espaço residencial da caatinga.

Figura 4: Aspectos do espaço produtivo.



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Apesar do criatório marcar significativamente o cotidiano desta fazenda, são as interações produzidas em meio à caatinga que caracterizam com mais particularidade o *habitat* da Caiçarinha (Figura 5).

É na caatinga onde praticamente todas as tarefas se desenvolvem. Como exemplo, não é possível falar do criatório sem evidenciar os caminhos percorridos para pastagem, que por vezes ocorrem dentro da própria fazenda, mas também fora desta. No mesmo sentido, há a coleta de folhas e frutos tradicionalmente utilizados nos afazeres domésticos e o uso de plantas medicinais para tratar enfermidades. Portanto, são as relações estabelecidas junto à natureza que possibilitam descortinar pormenores que explicam valores e sentidos, ao mesmo tempo que singularizam a Caiçarinha em meio à rede de propriedades existente.

Figura 5: Aspectos do espaço caatinga.



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Apesar da identificação desses pilares, a fazenda seridoense permanece, em geral, sob o manto de narrativas repetitivas. Por que, então, não instigar a comunidade detentora a integrar essa frente expandida de conhecimento?

Nem tanto gado, nem tanto casa. Indo além da insistência histórica em balizar o significado em torno de elementos que sustentam os tempos áureos do ciclo do gado potiguar, os moradores apresentam outras películas que podem ser acionadas para descortinar a existência da fazenda sertaneja. Partindo disto, coloca-se em evidência um dos trajetos mais utilizados por quem habita na Caiçarinha. Assim, o percurso “da porteira/BR ao espaço residencial” funciona como instrumento de imersão comunitária.

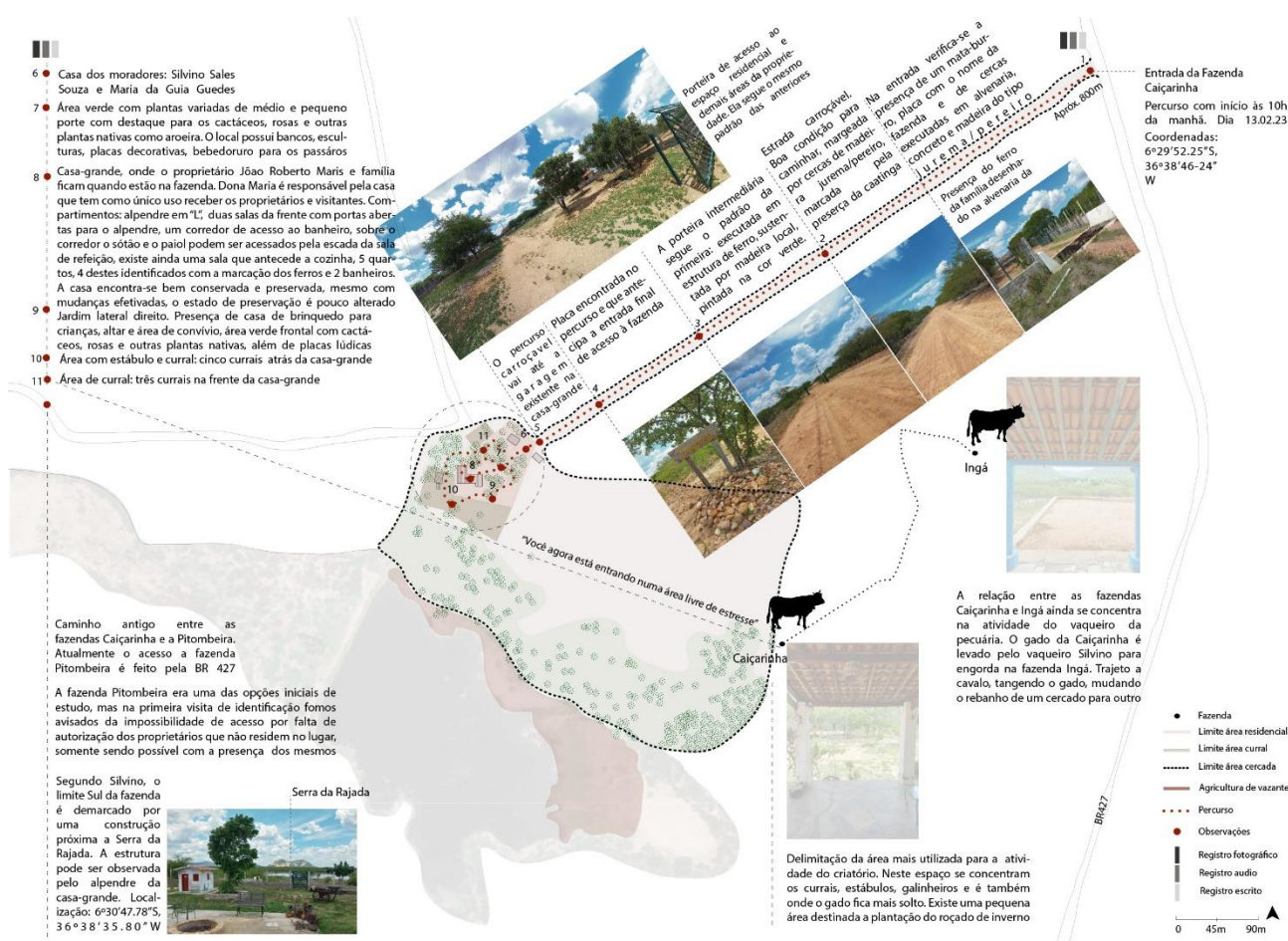
PERCURSO POR FAZENDA

A escolha do percurso “da porteira/BR ao espaço residencial” baseia-se em observações preliminares (Figura 6). É por este trajeto principal que moradores, visitantes e animais circulam com maior frequência.

Embora a Caiçarinha possua uma rede de caminhos mais fluidos, o fator segurança direciona a atividade para esta área, considerada a menos arriscada.

A estrada de terra que caracteriza o percurso escolhido encontra-se separada das demais áreas por um cercado que se estende da BR-427 até o espaço residencial. É neste “retão”, como costumam chamar os moradores, que outras barreiras são identificadas, obrigando todos os que circulam a realizar paradas. Oportunamente, as cinco paragens servem ao propósito deste exercício, promovendo partilhas entre pesquisadora, técnicos e alunos.

Figura 6: Percurso “da porteira/BR ao espaço residencial”



Fonte: Autora, 2023

Paragem 01: Conversa sobre a atividade

Uma roda de conversa inicia a atividade participativa (Figura 7). Neste momento, os alunos partilham o que conhecem sobre a Caiçarinha. De modo geral, poucos haviam visitado a fazenda. O termo “de passagem” foi relatado algumas vezes para enfatizar as suas tímidas presenças. Quanto à prática do caminhar por propriedades, e até mesmo por entre estas, verifica-se a ausência dessa dinâmica. Segundo explicam, “o clima não ajuda”.



Figura 7: Conversa preliminar sobre a atividade



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Paragem 02: Conversas sobre história, memória, pertencimento

A segunda paragem é uma pausa necessária para partilhar memórias da construção da fazenda e trabalhar o sentimento de pertencimento (Figura 8). Nesse momento, o técnico Sérgio Enilton ressalta a história da Caiçarinha dentro da rede existente.

A frase “Caiçarinha já foi Ingá” gerou questionamentos pela informação desconhecida. A partir disto foi possível adentrar em elementos muito comuns que descrevem a formação das fazendas seridoenses, nomeadamente, desmembramentos de terras ocasionados pelos dotes matrimoniais e famílias descentes.

A sede original era a Fazenda Ingá. Quando o Dr. Juvenal se casou com Dona Silvina, ela recebeu a sede como dote do Coronel Silvino. Por assim dizer, a Caiçarinha é um desmembramento da data de terra do Ingá; portanto, eram uma só propriedade. Acredito que o Coronel Silvino não apenas batizou a Caiçarinha, como também foi o responsável por povoar a região (Sérgio Enilton, 2024).

Figura 8: Conversas sobre história, memória e pertencimento



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Paragem 03: Caminhar para experimentar o habitat de fazenda

O termo “caminhar” não diz respeito a uma ação sem estímulo, exigindo além da movimentação, reações diante do que se ouve e observa. É um processo que ocorre com a troca de informação, transmitindo sabedoria, construindo e transformando conhecimentos a partir das referências que são apresentadas e apreciadas ao longo do percurso.

Há vantagem em manter-se afastado do perímetro tradicional da casa-grande. Além de adentrar por partes historicamente renegadas, acionam-se áreas que agregam informações, sabedorias e conhecimentos que somente podem ser constatados ao deixar-se levar, afastando-se desta redoma, efetivando o exercício de desbravar em parceria com quem conhece o lugar.

Em suma, existem sempre explicações associadas às características próprias do lugar, nas quais saberes são reapropriados ao acionarem o *habitat* por meio dos recursos disponibilizados pela natureza. Deste modo, os moradores apropriam-se da fazenda de forma sustentável, na medida em que tiram o máximo proveito das diferentes estruturas e elementos desta paisagem.

Durante a caminhada (Figura 9) foi possível partilhar experiências sobre elementos que caracterizam a Caiçarinha. A farmácia da natureza aciona memórias afetivas, a caatinga remete ao ato de brincar e a fazenda é encarada como “paraíso” — lugar de liberdade para atividades que, na cidade, já não são tão seguras.

Figura 9: Caminhando pelo “retão”



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Paragem 04: Registros do percurso

Sobre a caracterização deste percurso, ressalta-se a presença do cercado direcionando o andante a seguir até o espaço residencial.

Além do cercado, o percurso possui alguns elementos que configuram apropriações importantes. Porteiras e sinalizações demonstram a necessidade e o gosto dos proprietários (Figura 10). Nesse sentido, as porteiras servem como estrutura de segurança. Há três delas neste retão de acesso, mas apenas a que separa a área residencial permanece fechada durante o dia. As sinalizações são compreendidas culturalmente como indicativo de posse do cabedal curraleiro. É igualmente uma prática latente que promove visibilidade ao saber nordestino, como ensina Lina Bo Bardi, fazendo uso dos recursos da improvisação, simplificação e criatividade. Sob o enfoque da improvisação verifica-se adaptabilidade aos materiais do lugar com madeiramento retirado e tratado na própria fazenda, possuindo como assinatura o nome do proprietário/morador.

Figura 10: Conversa sobre a caracterização do percurso



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

Paragem 05: Registros do percurso

Por fim, adentra-se no espaço residencial (Figura 11). É neste momento em que se retomam os diálogos, rememorando o percurso visitado e identificando sensações e outros elementos através da conversa de alpendre.

A partir deste ponto a fazenda apresenta-se como uma grande “tela” onde a casa tradicional amplamente valorizada, destaca-se como um entre tantos outros espaços físicos que estruturam os valores e sentidos da propriedade.

A partilha continua a acessar informações sobre as relações que os jovens sertanejos mantêm com o *habitat* de fazenda. Nesse sentido, apresenta-se um quadro caracterizado por distintos graus de relações com o contexto rural. Dos 28 alunos participantes, 04 mantêm relação direta com a área rural, sendo que, destes, 03 são residentes de povoados: Cavan Rodrigo e Maria Luiza Confessor são habitantes do povoado Bulhão e Anne Gabriely do Sítio Cajueiro. Apesar do diminuto número de alunos diretamente vinculados ao *habitat* de fazenda, todos possuem relação indireta com as propriedades do município de Acari.

Portanto, a atividade não se apresenta somente como uma forma para ampliar conhecimentos sobre a fazenda Caiçarinha, mas é encarada como oportunidade para se reconectar com as próprias origens. Assim, o desejo por partilhar o que conhecem une-se à vontade de explorar a construção do que identificam como “uma nova experiência de estudo”.

Figura 11: De volta ao espaço residencial



Fonte: Fabrício Dantas, 2024

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caiçarinha é um recorte de pesquisa dentro desta vasta rede de propriedades que revela relações entrelaçadas por um passado ressignificado pela vivência cotidiana. Nesse sentido, o artigo é um convite para conhecer sem se afastar da tradição curreleira, acolhendo a fazenda no contexto em que ainda pulsa.

No fundo o que se propõe é “*bestar*”, ou seja, andar sem destino não por qualquer vereda, mas por aquelas que explicam o cotidiano de quem constrói diariamente os valores e os sentidos da propriedade sertaneja.

É caminhando por espaços até então pouco notados, muitas vezes só reconhecidos por quem habita que se compreende de fato como é a fazenda. É notório que pouco se conhece para além do cenário tradicional sustentado pela narrativa curreleira, portanto, para suprir ausências une-se comunidade e patrimônio em estratégias de aprendizagem coletiva.

Por fim, reforça-se que o método de estudo não é exclusivo da Fazenda Caiçarinha. Estrategicamente, a pesquisa apresentada neste artigo pretende incentivar a continuidade de uma frente mais ampla, notadamente por meio do envolvimento comunitário.

AGRADECIMENTOS

O trabalho apresentado não poderia ser executado sem a participação ativa da comunidade sertaneja. Por essa razão, expresse minha gratidão ao Museu Histórico de Acari, nas pessoas de Adriano Campelo e Sérgio Enilton, que não mediram esforços para a construção desta teia imersiva de conhecimentos. Aos

sertanejos Silvino e Maria Daguia, e aos alunos e professores da Escola Municipal Major Hortêncio de Brito, com os quais o trabalho materializou-se e ramificou-se, agradeço pela partilha e pela oportunidade de mergulhar em suas existências. Do mesmo modo ao fotógrafo Fabrício Dantas por aceitar o convite de fazer parte desta jornada. Por fim, a João Roberto Lamartine Mariz, proprietário da fazenda Caiçarinha, por abrir as portas de sua morada, meu mais profundo agradecimento!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
CARERI, F. **Caminhar e parar**. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.
FERRAZ, M. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, 1993.
FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
GROAT, L.; WANG, D. **Architectural research methods**. New York: John Wiley & Sons, 2013.
SMITH, L. **Uses of Heritage**. Routledge. Abingdon, UK: Taylor & Francis Group, 2006.

NOTAS

ⁱ A fazenda Caiçarinha pertence ao senhor João Roberto Lamartine Mariz, no entanto, o artigo foi desenvolvido a partir da vivência do vaqueiro Silvino e de sua esposa dona Maria, à época os únicos moradores da fazenda.

